

A TRIBUNA

JORNAL DEDICADO AOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA

Assignatura mensal 1\$000

Publicação semanal

Num. avulso 250 reis.

ANNO II.

QUIANA 28 DE JANEIRO DE 1866.

N 13

RESENHA DA SEMANA

Liberdade.—Por fallecimento nesta cidade, no dia 20 do corrente, de Cezelina Maria de Oliveira, foram restituidos á liberdade os escravizados Laurindo e Theodora, sem onus algum.

Com prazer registramos esse acto de philanthropia e generosidade.

A policia descalça.—É simplesmente notavel o modo porque se apresentam em forma as praças da companhia policial desta cidade!

Um as descalças, outras de chinello, eis o asseio e disciplina em que vivem, apesar do soldo sufficiente que têm as ditas praças!

Este estado de cousas depõe muito contra essa milicia e mais ainda contra os que são incumbidos de velar pela boa ordem e moralidade della.

Si neste misero paiz se escolhesse funcionarios para os empregos e não estes para aquelles, si a obsecada politica de interesses pessoais não tivesse corrompido tanto o espirito dos homens, outra seria essa como todas as outras instituições dignas da attenção publica e dos poderes constituidos para vigia delias.

Lamaçal.—Chamamos a attenção da Camara municipa-

pal para o lamaçal que se encontra na rua TRIZE DE JÚNHO em frente a collectoria do mercado.

Desde o começo das chuyas que aquillo assim se apresenta, como que desafiando a solicitude da nossa utilidade para removê-la mas, ella que por seus muito affazeres não olha para as pequenas exigencias da hygiene publica, não deu sin la pela cousa!

Nós a apontamos e esperamos que providencie sobre o assumpto.

Baio.—No dia 26 do corrente, regressando da fonte onde tinham ido lavar roupa, foram, proximas do Mangrullo do Acompanhamento Couto de Magalhães, fulminadas por um raio, duas infelizes mulheres as quaes falleceram instantaneamente.

Espada de aço.—De accordo com o artigo 103 do regulamento da Escola de tiro, foi conferido ao 2.º sargento do 2.º regimento de artilharia, Marcos Curio Mariano de Campos o uso de espada de aço que como premio propoz o conselho de instrucção da mesma escola.

Dispensa modica!—Tendo de se casar o principe Waldemar da Dinamarca com a princessa Maria de Orleans, parentes, e professando religião differente, foi para este

fim concedida, mediante 125 mil francos ou 22.500\$000 reis da nossa moeda, a dispensa necessaria para a celebração dessa união matrimonial!

Além desta BAGATELLA, a curia romana impoz a condição de serem os filhos varões deste matrimonio, educados na religião protestante e as mulheres na do catholicismo.

Eis o que lemos, mais ou menos n'um jornal e que achamos uma pechincha para a Igreja, maxime si ella tiver a fortuna de encontrar sem freguezes dessa bitola!

Questão hespanha-alemã.—Lemos na Vanguarda o seguinte:

« A imprensa de todos os paizes da Europa occupa-se com vivo interesse da importante questão da mediação pontificia, entre a Allemanha e a Hespanha, sendo geral a opinião de que não podia escolher-se melhor arbitro.

A Turquia, jornal insuspeito, órgão officiosa da Sublime Porta, felicita a Bismark pela escolha, que importa, diz ella, em ter elle sabido elevar-se acima de todos os preconceitos! E acrescenta o mesmo jornal que este acontecimento será de consequencias felizes para ambos os paizes.

Annuncia-se ao mesmo tempo na França, na Alemanha, na Italia, na Hespanha, na Austria e na Belgica a apparição de Brochuras e obras sobre a mediação do Summo Pontifice.

China.—O governo de Peking projecta crear um exercito de 6,700,000 homens que será duplicado facilmente em tempo de guerra.

Ao mesmo tempo procura o governo chinês dar a sua marinha uma extensão consideravel. Acabam de ser encomendados mais quatro encouraçados na Inglaterra e os 200 canhões comprados e que durante a guerra do Tonkin não tinha sido embarcados no Suez, já seguiram para Canton e Shanghai. Em breve a China tornar-se-ha uma grande potencia militar.

Inglaterra.— Segundo um telegramma da Agencia Havas, a maioria dos membros da Camara dos communs na Inglaterra, na ultima eleição, era dos liberaes que já tinham eleitos 145, ao passo que os conservadores só conseguirão a eleger 141.

Si, como é de presumir-se, a politica brasileira tem grande ramificação financeira com a daquelle paiz, o dominio conservador será muito pouco; pois a julgar-se pela ascensão do partido liberal da Inglaterra e do Brazil n'um mesmo tempo em 1878, o partido conservador deve ter a mala preparada para pôr-se ao fresco.

Hespanha.— O Sr. Canovas de Castilho demittiu-se do cargo de presidente do

conselho de ministros sendo chamado o Sr. Sagasta para organizar novo gabinete.

Está na regencia do reino a rainha viuva.

TRANSCRIPÇÃO.

O imperador encarregou o Sr. Barão de Arinos de mais uma vez pintar a na Europa como libertador providencial e civilizador humanitario do Brazil.

O processo seguido é simples.

Descreve-se o Brazil como um paiz profundamente obsecado pela escravidão, de maneira que é um perigo para o throno mostrar tendencias abolicionistas. O nosso paiz toma as feições dos Estados Confederados do Sul, a união de Jefferson Davis, tendo por pedra angular a escravidão.

Obtida esta physionomia para a nação brasileira, claro está que tudo quanto o governo obtenha em favor dos escravos, ainda que seja nominal, é tido como um acto meritorio e digno dos applausos universaes.

Consequencia: toda a gente proclama que, se o imperador não faz mais, é porque não pôde.

Para obter que toda a campanha abolicionista revertsse em gloria da sua pessoa, o imperador fará pintar como impostas pela opposição negreira da nação as frequentes mudanças de ministerios; fará crer que a opinião publica se indignava contra qualquer passo mais affrontado pelo governo em favor do escravo, de maneira que o indecente vomito de inveja sobre o tumulo de Rio Branco passará como assignalado triumpho, victoria difficilissima da lacia intelligencia imperial contra o obscurantismo popular.

O processo tem a vantagem de já haver sido experimentado com successo dentro e fóra do paiz.

A antiga idolatria, que o imperador obteve do povo credulo, teve origem nelle.

Responsabilisava-se o instrumento pelo crime de quem o manejava.

Para consolidar a monarchia, empregavam-se meios violentos e em seguida se faziam passar como desforras pessoas o que não era mais do que um deshumano calculo politico.

Um simples facto basta para demonstrar que o mal está no imperador e não nos seus humilissimos servidores.

A dissolução das camaras é facultada privativa do imperador; nenhum poder dispõe de meios para obrigá-lo a empregar, contra a sua vontade, a prerogativa dictatorial.

Entretanto o imperador em 45 annos

de reinado tem empregado DEZ vezes essa arma poderosissima contra o parlamento.

Para que fins? Empregou-se alguma vez para firmar principios liberaes de governo?

Respondam as nossas finanças a vigente lei electoral, a organização da nossa magistratura, e unisona com ellas a escravidão.

Em todos os tempos, o governo tem tido em seu poder o suffragio; e elle quem directa ou indirectamente tem eleito os deputados.

Se o imperador tivesse boas intenções, se quizesse trabalhar para o bem do paiz, sendo um homem illustrado como é, não teria tido parlamento para converter em lei as suas aspirações?

A consciencia dos homens de bem que nos responde.

Mas o essencial era fingir querer o bem e passar depois como vencido, para que a responsabilidade recahisse nos ministros, miseros titerees, que se movem aos caprichos do João minhoca sagrado.

Vencido? o homem junto do qual Eusebio de Queiroz disse que— um caracter serio não podia estar duas vezes como ministro!

Caminhando de cilada em cilada, de artificio em artificio, ora autorizando repressões barbaras, o emprego da corrupção, como elemento de força dignitativa; ora fingindo estimar ao que odeia; ora fingindo odiar ao que estima; conseguiu fazer-se respeitar pelo proprio povo que victimava.

E' este o processo empregado na Europa, com a simples differença de que lá é o povo brasileiro accusado de imprestavel.

Não passamos por um paiz semi-barbaro providencialmente dirigido pelo Sr. D. Pedro II.

Mal de nós se não fosse elle, o unico homem instruido que possuímos.

Para nós crear esta reputação, sua magestade tem tido a habilidade de nos dar um corpo diplomatico, que, salvas as rarissimas excepções, confirma plenamente o falso juizo que de nós é feito.

Accresce que para as commissões na Europa são enviados os que mais emponhão, e não os que mais merecimentos tem.

Semelhança pessoal, tomado como aferidor moral e intellectual do Brazil, dá em resultado a justificativa dos suppostos meritos excepcionaes de sua magestade.

Desta vez, porem, não nos parece tão facil ao imperador fazer-se applaudir pelo mundo.

Por nossa parte, estamos deliberados a empregar todos os meios ao nosso alcance para fazer triumphar a verdade.

O imperador só tem a Europa; a sua unica preocupação é fazer crer ao mun-

do que é realmente um soberano excepcional.

Depois do qualificativo—sabio, o que sua magestade mais presa é o de libertador.

Quer ser um Alexandre II, sem a scena final da dynamite, na acclamação apothéosica aos servos libertos.

A maior offensa que se lhe pôde fazer é contestar estes dois títulos.

Somos capazes de jurar que a chamada do Sr. Cotegipe teve por unico fim a viugança imperial do motejo a sua augusta syntaxe.

(Continúa)

LITTERATURA

A MULATA.

Eu sou mulata vaideza,
Linda, faceira, mimoza
Quaes muitas brancas não são:
Tenho requebros mais bellos,
Si á noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Me treme o seio moreno;
E' como o jambo cheiroso.
Que pende ao galho formoso
Cuberto pelo sereno.

Nos bicos da chinellinha
Quem vda mais levesinha,
Mais levesinha do que eu?
Eu sou muleta tafula,
No samba rompendo a chula
Jamais ninguem me venceu!

Ao afiar da viola,
Quando estalo a castanhola
Ferve a dausa a o desafio..
Penetro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus;
Mas, si murmuram—maldicta
Bravo, mulata bonita!
Adeos, meu yoyô, adeos...

Minhas yayas da janella
Me atiram cada olhadela,
Ai di-se! mortas assim...
E eu sigo mais orgulhosa,
Como si a cara ruivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Dr. Mello Moraes Filho.

CURSO DE MORAL

(Para uso dos homens do século)

I

PRELIMINARES

Elóra de duvida que nós nascemos sem termos concorrido para isso.

Partindo d'ahi, é claro que nós não devemos nada á sociedade... pelo contrario.

Uma vez no mundo, nós devemos nos occupar, o mais facilmente possível, de tudo o que nos é util e agradável.

Tudo o que a terra produz pertence ao homem que sabe se apossar.

Nada se consegue sem trabalho: a grande questão está em saber se arranjar o que se quer.. fazendo trabalhar os outros.

O fim da vida é ser util a seus semelhantes. Ora, ninguém sendo mais semelhante a si do que a própria pessoa, o fim da vida é ser util a si mesmo.

Para conseguir este fim se passará por cima dos companheiros fracos e por baixo dos fortes e poderosos.

II

A ROUPA

« O habito não faz o monge. » diz um popular annexim. Mentira!

A roupa é o homem.

O bem trajar, uma meia virtude.

Uns botins rotos, um paletot uzado, um chapéo fóra da moda, são incompatíveis com a boa sociedade.

Se não tens camisa, uzai de collete fechado e de gravata-manta; mas não tireis o paletot em parte alguma.

O lenço é algumas vezes util, mas não é indispensavel.

Brutus se assoava na manga e Vercingatorix nos dedos de seus ajudantes de campos. A historia não chama a isso um crime.

III

ESCOLHA DE AMIGOS

O homem de tino deve procurar fazer amigos, pela unica razão de que pda precisar delles.

Deve escolhêl-os ricos e influentes... não careço dizer porque.

Velhos e sem filhos—pela perspectiva de ser um dia seu herdeiro.

Estupidos—para fazer-lhes acreditar tudo o que quizer.

Se o amigo chega a uma posição elevada, deve procurar o todo o dia e tratá-lo por TU' diante de gente.

Se cahe na miseria... dobrar a esquina toda a vez que o vir.

IV

PRODIGALIDADE E AVAREZA

A prodigalidade é vicio que aproveita a todo mundo, excepto a quem o tem.

A avareza é uma virtude que só faz bem a seu proprietario.

Ao homem sensato compete escolher.

Todo o defeito pôde tornar-se uma qualidade.

Toda a qualidade um defeito.

A questão está no modo por que se encaráo as cousas.

Deve se ser prodigo:

Do dinheiro... dos outros.

De cumprimentos ás pessoas que nos podem ser uteis.

De promessas aos amigos, &c.

Deve se ser avaro:

De seu dinheiro.

De seus cigarros.

Emfim, de tudo que custa alguma cousa.

V

DEDICAÇÃO

O homem não pôde viver separado de todos os seus semelhantes... se aborreceria muito.

Deve, quando as circumstancias o exigem, fazer aos outros homens algumas pequenas concessões, para que elles lhe fação grandes.

A reciprocidade é base da dedicação.

Esta é uma rede, na qual cada um balança seu vizinho, para que este o balance depois.

Um para ti, um para mim; um para ti, um para mim; eis a dedicação.

Deve o homem se subtrahir a este nobre sentimento?

Não.

Tudo está em saber o manejar.

Guardai-vos destas dedicações banaes e estereis, que não acarretão nem proveito nem honras.

Dai dez conto de réis para a cecca, se vos prometterem um baronato.

Mas recuzai esmola a um pobre... se não houver gente que a veja dar.

VI

O AMOR

O amor é o mais nobre, o mais santo, porém também o mais caro de todos os sentimentos.

Todo o homem tem em si o germen do amor verdadeiro, que aconselha invariavelmente a escolher uma compãheira com o coração nobre ou rica, nobre ou plebea.

Mas é necessario que elle, se quer mostrar-se digno do seculo, extirpe, com cuidado e pelas raizes, de sua alma este sentimento caduco, que se inspirou outr'ora aos poetas, não tem hoje cotação na praça.

A civilização, que prevê tudo, inventou para substituir ao amor verdadeiro, que todo o homem prudente deve abafar, o amor artificial muito portátil e não incommodativo.

Cada um compra o que quer.

O imprudente que, desde a sua mocidade, não arrancar de si os germens do amor verdadeiro, se esbarrará, mais tarde ou mais cedo, com uns olhos azues ou pretos, que o arrastarão infallivelmente ao *conjugio*.

Amando muito, terá muitos filhos; e, tendo muitos filhos, será sempre pobre, o que é a maior das desgraças.

(Continúa).

PROTESTO.

Vai tú, não entro no templo;
Alti nada mais contemplo
Que me possa compungir;
Não entro, vai tú sómente,
Si és fanático ou descrente,
Vai tú, vai a Deos mentir!

O que eu veria lá dentro?
De novos judeos no centro
Nosso Pai crucificado?
Do chapéo moça garrida
A me olhar desaxabida
Por me ver ajosilhado?...

Pr'a notar n'um moço em pé,
Dando assim prova da fé.
Vendo Deos se alevantar
Curvar-se apenas de leve,
Que a calça branca não deve
Do passeio amarrutar?

Pr'a ouvir musica franceza
Que nada condiz com a reza,
E antes provoca um CANCAN?
Devem ser artes concertos,
Estes immoraes apertos
Dentro da Igreja christan?!

Pr'a ver a rapça resando
Com os labios murmurando
Sem nada no coração,
E só pr'a os lados a olhar;
E até de pernas pr'a o ar
Tendo o livro de oração?

Para ouvir mentidas fallas
Que nem se dizem nas salas;
E ver, cobertas de flores,
Phyrneas de espadas novas,
Que lá chamaram das raas
Um cento de adoradores?!

Vai tú gozar da palestra,
Applaudir a grande orchestra,
E a bella scenographia...
Talvez a tua Lúli
Te marcasse um *rendez vous*
Para a festa deste dia!

No que eu creio não é nisto:
No meu quarto tenho um Christo
Perante o qual me ajoelho;
A quem refiro os meus males,
Peço que retire o calix;
Com quem minha alma aconselho.

A elle, sim, me confesso
Razo o Padre Nosso e peço
Pela triste humanidade:

Com elle abraçado a sós,
Como João, ouço a voz
Do Mestre da Caridade!

J. Moraes S.

VARIEDADE

Encontramos n'um jornal o seguinte attestado de obito de um mesinhêiro:

«Atesto que o afalecido do fúnto Fidencio Soares da Resa sofria em villa de uma inflamação na miligão dos intestinos pruvinentes de uma indigestão que arezurton que a materia ficar do arrefirido Fidencio xegô e ficô uma agnadia escura e de xero itcupportavel e da quar inflamação veio afalecê o supradito sinhor, porço o fabriquero pode dá sipartura ao cadaver defunto.

E por ser verdade pago o presente que me acino.

Ponta-Groça 10 de Janeiro de 1885. — Estanislau Fagundes do Gues.

CAMPO LIVRE

Pepineira.

Sr. Redactor,

No dominio conservador de 1868 á 1877, a thesouraria provincial transformara-se em propriedade exclusiva da familia Monteiro, aboletando alli toda a parentela?

Actualmente, porém, parece querer mudar o scenario para o Arsenal de Guerra, onde os Vagconcellos vão devagarinho se accomodando...

Como director acha-se um irmão, como ajudante dito, outro; além de um sobrinho que vas-se approximando do grande estabelecimento, está já empregado no Laboratorio Pyrotechnico!..

Já vê, Sr. Redactor, que isto vai a mil maravilhas!

Porto, Janeiro 22 de 1886.

O atalaia.

Typ. d' A TRIBUNA, rua DOUS DE DEZEMBRO N. 36,